

ANÁLISE FUNCIONAL CENTRADA NO USO DA CONSTRUÇÃO [SE PÁ]_{MD} EM LÍNGUA PORTUGUESA

*Mariangela Rios de Oliveira**
mariangelariosdeoliveira@gmail.com
Universidade Federal Fluminense

*Mayra Laurindo Rabello***
mayra_laurindo@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Este artigo tem o objetivo de descrever os usos sincrônicos da construção marcadora discursiva [se pá] na modalidade brasileira da língua portuguesa. Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2022), analisamos, no *Corpus* do Português e na rede social X, 170 ocorrências da construção [se pá] utilizada em situações reais de comunicação. A partir da análise qualiquantitativa, identificamos que [se pá] atua como um marcador discursivo com traços de modalizador epistêmico. Nesse sentido, os resultados indicam que a construção, formada pela conjunção *se* e pelo termo não lexicalizado *pá*, é capaz de expressar semântica de dúvida, permitindo que o falante emita uma avaliação descompromissada com conteúdo proposicional. Em sua modalização, o falante instaura discursivamente ações, situações ou eventos possíveis. A confirmação das informações introduzidas pelo falante promove variação no modo como o valor de dúvida é estabelecido, organizando-se de três modos: 1) como uma possibilidade que pode ser confirmada pelo próprio enunciador; 2) como uma possibilidade que pode ser confirmada por alguém externo; 3) como uma possibilidade que não pode ser confirmada. Ademais, a construção apresenta mobilidade posicional própria dos marcadores discursivos, aparecendo nas posições inicial, medial e final de orações ou períodos e apresentando comportamento distinto em cada uma delas.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; marcador discursivo; modalização epistêmica; construção [se pá].

* Possui graduação em Letras Português Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981), mestrado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993). Tem pós-doutorado na Universidade Aberta (Lisboa). É professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e atual presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Coordenadora nacional do Grupo de Estudos "Discurso & Gramática". Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF e ex-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Ex-coordenadora do GT Descrição do Português nos biênios 2012-2013 e 2014-2015. Foi editora-chefe da Revista Gragoatá de 2006 a 2016.

** Doutoranda e mestre em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

1 Introdução

O presente artigo é desenvolvido com o objetivo de descrever e analisar o uso do marcador discursivo [se pá] em português brasileiro. A escolha desse objeto é motivada pela instanciamento dessa construção em diversas situações comunicativas informais cotidianas e, também, nas redes sociais. O marcador é frequentemente usado no estado do Rio de Janeiro, principalmente, pelo público jovem, mas registra considerável frequência em outras regiões¹. Desse modo, a noção de possibilidade foi a primeira característica que se destacou na instanciamento dessa construção, instigando a pesquisa das demais propriedades de tal marcador discursivo (MD). Observemos uma ocorrência:

(1) A *Reconquista* é considerado um dos piores filmes do universo em qualquer lista minimamente respeitável de piores filmes. Enfim, também por causa do livro, e sem esperar mais nada além de um "bom filme ruim", saí nessa cruzada épica que é ver um filme que tanto ninguém quis fazer, que o John Travolta -- que é cientologista e queria mostrar para o mundo a grande mensagem do livro, **se pá** -- teve que tirar dinheiro do próprio bolso pra produzir a história.²

A ocorrência (1) apresenta um trecho retirado de uma resenha e, para contextualizar, cabe mencionar que *A Reconquista* é um filme baseado no livro de mesmo nome do escritor L. Ron Hubbard, que é também fundador da Igreja da Cientologia. Como sabemos, uma resenha é um texto de cunho avaliativo, pois o enunciador está a todo momento emitindo opiniões, e, dessa forma, na ocorrência (1), ele levanta a hipótese de que John Travolta, que é um dos produtores do filme e também membro da cientologia, tenha produzido a obra apenas para divulgar a religião. Na ocorrência, o *se pá* é utilizado no fim de uma oração subordinada adjetiva explicativa para gerar dúvida sobre a informação. Desse modo, o enunciador usa o MD para apresentar sua avaliação sem se comprometer com o valor de verdade do conteúdo proposicional.

Nesse sentido, a hipótese central deste artigo é a de que [se pá] é um MD utilizado para modalização epistêmica. Para investigar a aplicabilidade dessa

¹ O *corpus* da pesquisa possibilita identificar o frequente uso da construção na região Sudeste, mas não somente, visto que também recuperamos dados das regiões Sul e Centro-Oeste. Os dados permitem, ainda, identificar que os públicos adolescente e jovem adulto tendem a ser os principais usuários. No entanto, não centramos nossa análise na perspectiva de variação geográfica ou social porque foge ao propósito da Linguística Funcional Centrada no Uso.

² *Corpus* do Português, *Web / Dialects*.

hipótese, guiamo-nos pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)³ para analisar os usos de [se pá] em português brasileiro na sincronia atual. Assim, fora o objetivo geral de descrever e analisar a construção, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: 1) delimitar as características que permitem identificar [se pá] como um marcador discursivo; 2) descrever o valor semântico-pragmático expresso pela construção; 3) identificar as propriedades formais e funcionais de [se pá] a partir do modelo de Croft (2001).

Para responder as questões referidas, orientamo-nos pelos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, com base em Traugott e Trousdale (2021 [2013]) e, no Brasil, em Rosário (2022) e Rosário e Oliveira (2016), entre outros. A seleção da vertente funcionalista é justificada pelo caráter holístico adotado para o estudo da língua, compreendendo como fundamental investigá-la a partir de situações reais de comunicação, bem como pela incorporação da abordagem construcional (Goldberg, 1995, 2006) a tal investigação. Desse modo, consideramos que a LFCU é um viés teórico adequado para pesquisar uma construção como [se pá]_{MD}, convencionalizada nas práticas interativas do português.

Em relação aos procedimentos metodológicos, adotamos recorte sincrônico para a coleta de dados, visando identificar os usos contemporâneos desse MD. Assim, com base nos pressupostos da LFCU, coletamos 198 ocorrências de [se pá]_{MD}, retiradas das interfaces *Web / Dialects* e *NOW*, do site *Corpus do Português*⁴, e da rede social X⁵, antigo Twitter. A análise dos dados foi realizada a partir do método misto, que equilibra as abordagens quantitativa e qualitativa, proposto por Lacerda (2016).

O presente artigo está dividido em cinco seções, sendo esta introdução a primeira. Em seguida, em *Objeto de pesquisa*, apresentamos as definições e as características que possibilitam identificar [se pá] como um MD e abordamos alguns aspectos da modalização epistêmica. Na seção *Pressupostos teórico-metodológicos*, explicitamos os fundamentos da LFCU que orientam a pesquisa, com destaque para os conceitos mais caros ao objeto estudado, e os procedimentos metodológicos para coleta e análise dos dados. Em sequência, em *Análise de dados*, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa de [se pá]_{MD} no português contemporâneo e, para

³ Nomenclatura cunhada no âmbito do Grupo de Pesquisa Discurso e Gramática (cf. Rosário, 2022).

⁴ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

⁵ Disponível em: <https://x.com/>.

finalizar, trazemos as *Considerações finais*, seguidas das referências citadas no artigo.

2 Objeto de pesquisa: conceitos relevantes para [se pá]_{MD}

Os estudos sobre os MD apresentam uma gama de definições, nomenclaturas e propriedades que variam na área, como destacam Oliveira e Sambrana (2020) e Teixeira (2015), entre outros. Nesse sentido, a presente seção traz alguns conceitos e propriedades dos MD que são importantes para o objeto aqui investigado, a construção [se pá]. Buscamos, assim, apresentar a teoria utilizada para delimitar a construção como um marcador discursivo epistêmico.

Partimos da definição de Risso, Silva e Urbano (1996, p. 21) para estabelecer que consideramos os marcadores discursivos como

[...] um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem.

Em trabalhos recentes, Traugott (2021; 2022) define que os marcadores pragmáticos – termo mais amplo com o qual a autora denomina a categoria que abarca os MD – são elementos que têm significado pragmático convencionalizado, são destituídos de significado condicional de verdade e costumam não estar sintaticamente integrados à oração hospedeira. A autora apresenta uma taxonomia baseada em Fraser (1988), que classifica os marcadores pragmáticos como categoria guarda-chuva, distribuída pelas subcategorias de marcadores sociais, marcadores epistêmicos e marcadores discursivos. Com base nas proposições da autora e, claramente, a partir dos dados, classificamos [se pá]_{MD} como um marcador epistêmico, na medida em que transmite uma avaliação do falante, e discursivo, na medida em que também pode contribuir para a continuidade do texto.

A contribuição para a continuidade do texto, porém, é verificada apenas nas ocorrências que representam o momento inicial da mudança da construção para MD⁶.

⁶ Veremos mais à frente que, embora a pesquisa seja sincrônica, a proposta de construcionalidade de Rosário e Lopes (2019) permite identificar alguns indícios da possível trajetória de mudança percorrida pela construção.

No uso como MD, a construção atua na marcação epistêmica, sendo essa a perspectiva priorizada na análise apresentada neste artigo. Com isso, observamos que a articulação textual promovida pelo MD condiz com o proposto na literatura. Heine *et al.* (2021), por exemplo, declaram que nem todos os MD são constituintes capazes de estabelecer relação entre segmentos discursivos. A partir dessa declaração, os autores afirmam que é mais produtivo definir os MD como: (a) expressões invariáveis, que são (b) sintaticamente independentes, com tendência a estar (c) separadas prosodicamente do restante do enunciado e que têm (d) função metatextual.

Podemos observar que os traços definidores de MD apontados por Heine *et al.* (2021) vão ao encontro do que postula Traugott (2021; 2022) para essa categoria. Constatamos que os dados levantados apresentam as seguintes características de MD: 1) multifuncionalidade, podendo apresentar diferentes funções ao nível contextual; 2) subjetividade, expressando uma avaliação do falante; 3) mobilidade, podendo aparecer em posição inicial, medial ou final; 4) separação prosódica, demarcada por pontuação ou entonação.

Além dessas características, algumas das variáveis investigadas no trabalho de Risso, Silva e Urbano (1996) também estão presentes em [se pá]_{MD}. Entre as referidas variáveis, atestamos que nosso objeto de pesquisa apresenta um alto padrão de recorrência, pode atuar na articulação de segmentos do discurso, como sequenciador tópico ou sequenciador frasal, e é capaz de funcionar como elemento secundariamente orientador de interação em diferentes posições no texto. A construção MD [se pá] é também um elemento exterior ao conteúdo proposicional do enunciado, que apresenta transparência semântica parcial, visto que apenas a noção de possibilidade é mantida na subparte condicional *se*. Por fim, a construção apresenta forma única, independência sintática, frequente demarcação prosódica e constitui um elemento com formação mista, já que é constituído por uma conjunção e por um termo não lexicalizado.

Conforme detalhamos na próxima seção, a hipótese é que a construção [se pá]_{MD} tenha surgido no português por meio de analogização⁷, tomando o padrão esquemático [se X]_{cond} como base. Assim, *se pá* teria surgido com significado similar

⁷ De acordo com Bybee (2016 [2010]), a analogização é um processo cognitivo de domínio geral que motiva mudança linguística, uma vez que novos enunciados são criados com base em enunciados de experiências prévias; novas formas de dizer se forjam tomando antigas formas como modelo.

ao que verificamos em outros conectores condicionais, como [se der] ou [se possível]. Assumimos essa hipótese porque a partícula *pá* não apresenta um significado próprio anterior ao uso em construções específicas. Assim, acreditamos que *pá* é apenas um dos elementos possíveis de integrar o *slot*⁸ X no esquema [se X]_{cond}. Após esse uso conectivo, consideramos que a construção tenha sofrido um processo de mudança que permitiu sua passagem de conector para marcador discursivo.

Adotando essa perspectiva, verificamos que os dados indicam que a construção [se pá]_{MD} é utilizada para realizar a modalização de um enunciado. Oliveira e Mendes (2013) apresentam a modalidade como um modo de expressar a avaliação de falantes ou de entidades referidas por um sujeito sobre o conteúdo proposicional do enunciado proferido. Os autores apontam ainda que as semânticas de crença, capacidade ou necessidades internas do indivíduo, de obrigações ou permissões e de volição são as mais comuns nos estudos sobre modalidade.

Para os fins deste artigo, interessa-nos, entre os domínios da modalidade, a de tipo epistêmica, que se relaciona “com o grau de certeza/incerteza manifestado pelo falante relativamente à verdade da proposição que produz [...] ou pelo sujeito de uma frase complexa em relação à verdade da proposição veiculada pela oração subordinada” (Oliveira; Mendes, 2013, p. 630).

Muitos recursos linguísticos são utilizados para expressar modalidade epistêmica, mas, considerando a hipótese de surgimento da construção [se pá]_{MD}, cabe uma explicação acerca dos advérbios modalizadores que atuam na dimensão epistêmica. Esses advérbios, segundo Castilho (2000), são recursos utilizados pelo falante para expressar atitude sobre um conteúdo proposicional, com o intuito de avaliar o teor de verdade ou expressar um julgamento sobre o conteúdo. O autor declara que tais advérbios se agrupam em dois tipos: os asseverativos, que são utilizados para afirmar ou negar um conteúdo, e os quase-asseverativos, que apresentam o conteúdo como uma hipótese a ser confirmada. Considerando tal distinção, acreditamos que, em seu processo de mudança, *se pá* tenha passado por estágios ambíguos em que era usado associado a outros elementos modalizadores e, por isso, passou a ser conceptualizado com a mesma função.

Ainda de acordo com Castilho (2000), os advérbios modalizadores epistêmicos quase-asseverativos permitem que o falante emita uma avaliação sem se

⁸ Termo que designa uma subparte aberta da construção, passível de ser preenchida por distintos constituintes.

responsabilizar pela confirmação do conteúdo proposicional, visto que ele não afirma ou nega esse conteúdo. Esse tipo de modalização epistêmica possibilita que o falante apenas apresente sua avaliação como quase certa ou como hipótese, tornando-o isento caso não seja comprovada.

Retomando o que ilustramos em (1), observamos que é o que acontece quando o falante apenas apresenta a possibilidade de que o John Travolta tenha produzido o filme para divulgar a cientologia, mas não objetiva confirmar a declaração. Assim, caso essa possibilidade se mostre incorreta, ele está protegido pela dúvida expressa na avaliação do conteúdo proposicional do enunciado. Como constatamos ao longo deste artigo, essa isenção de responsabilidade permanece mesmo nos casos em que o falante é capaz de confirmar o conteúdo proposicional. Desse modo, os dados indicam que [se pá]_{MD} é utilizado para modalização epistêmica quase-asseverativa.

3 Pressupostos teórico-metodológicos

Nossa pesquisa está baseada nos pressupostos da LFCU, abordagem que estabelece diálogo entre o Funcionalismo clássico, de vertente norte-americana, e a Linguística Cognitiva, sobretudo a Gramática de Construções. Ao adotar uma abordagem construcional da gramática (Traugott; Trousdale, 2021), a LFCU define a construção como a unidade básica da língua. A construção, por sua vez, é entendida como um pareamento simbólico de forma e função (Goldberg, 1995, 2006). Tal conceito envolve muitos aspectos, dentre os quais Traugott e Trousdale (2021) implicam a consideração de três fatores, em perspectiva gradiente: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Considerando o escopo deste artigo, contemplamos apenas o último.

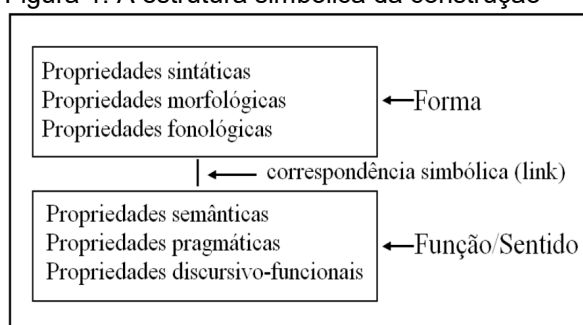
A composicionalidade reflete, basicamente, o nível de transparência de uma construção. Os autores admitem a composicionalidade em termos sintáticos e semânticos, dos quais nos importa principalmente o segundo tipo. Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2021) afirmam que a composicionalidade, de modo simplificado, possibilita ou não compreender o significado de uma construção por meio do significado da soma das partes que a formam. Em outras palavras, o significado individual dos elementos integrantes de uma construção, na condição de subpartes, impacta o grau do significado da construção como um todo. Em termos funcionalistas clássicos, podemos relacionar o nível de maior composicionalidade à iconicidade e,

de outra parte, o nível de menor composicionalidade, ou até mesmo sua ausência, à arbitrariedade.

A LFCU trabalha com a noção de composicionalidade relativa, de modo que as construções tendem a manter algum grau de transparência, refletindo parte do sentido que está em sua origem. O conceito de composicionalidade é importante para nossa pesquisa porque a conjunção *se*, uma das partes que formam a construção [se pá]_{MD}, preserva uma parte do valor de condição que vincula em seu uso fonte como conjunção subordinativa. Assim, a preservação da noção condicional da subparte *se* contribui para que [se pá]_{MD} possa expressar valor de dúvida.

Os estudos orientados pela LFCU, entre outros propósitos, propõem-se a descrever as propriedades construcionais dos objetos que investigam, conforme postula Croft (2001). Uma construção é formada por dois eixos, um da forma e um da função/significado, que se relacionam por elo simbólico. Em pesquisas orientadas pela LFCU, os dois eixos são igualmente importantes para a descrição analítica da construção. Assim, a pesquisa funcional centrada no uso investiga, no plano da forma, as propriedades fonológicas e morfossintáticas e, no plano da função ou do significado, as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Nesse sentido, o modelo proposto por Croft (2001) é caro, por apresentar descrição cuidadosa das propriedades de uma construção, conforme ilustra a Figura 1:

Figura 1: A estrutura simbólica da construção



Fonte: Adaptado de Croft (2001, p. 18).

Além dos fatores e propriedades já mencionados, há outras motivações que impactam no surgimento de construções, dos quais o *chunking* também se faz relevante em nossa investigação. *Chunking*, de acordo com Bybee (2016), é um processo cognitivo de domínio geral que atua no aprimoramento de tarefas cognitivas e neuromotoras através da repetição. Para a LFCU, o *chunking* é fundamental na

formação de construções, porque possibilita que duas ou mais unidades independentes, que são frequentemente utilizadas juntas, passem a ser compreendidas como um todo semântico-sintático, ou seja, como um *chunk*. No objeto aqui analisado, assumimos que o processo de *chunking* é um dos que possibilita que o frequente uso da conjunção *se* e do termo não lexicalizado *pá* convencionalize na construção [se pá]_{MD}.

Apesar de não termos como objetivo empreender uma pesquisa histórica do português, os dados nos permitem ao menos levantar a hipótese de que a construção [se pá]_{MD} tenha origem em usos condicionais pretéritos, através do processo de analogização a outras construções formadas com a conjunção *se*. Assim, os constituintes *se* e *pá* passaram por construcionalização⁹, o que permitiu sua mudança para a classe dos MD. Trata-se de empreendimento investigativo que fica para nova etapa de nossa pesquisa.

Vejam agora uma ocorrência levantada por nós no CdP que atesta o *cline* proposto:

(2) Nossa, a dublagem de seriados americanos não é tão boa assim não. A do Dr. House é um horror (e depois de assistir mais de 10, você começa a perceber que as vozes são quase as mesmas de outro seriado xD). Apesar que há algumas que são excelentes no geral, como Lost e Smallville. Mas tudo depende da escalação certa. **Se pá** o anime tiver um bom diretor de dublagem, pode sair algo ótimo.¹⁰

Em (2), observamos que a construção é utilizada em uma oração subordinada condicional, apresentando um requisito para que o evento da oração principal ocorra. Nessa ocorrência, portanto, constatamos que o uso condicional prevalece. Ocorrências como essa permitem interpretar que [se pá]_{MD} surge no uso condicional em um esquema [se X]_{cond}, que vincula possibilidade – como em construções mais convencionalizadas na função condicional como [se der], [se viável] ou [se possível]. O dado ilustra que *pá* é um elemento recrutado para preencher o *slot* X, mas que facilmente poderia ser retirado sem prejuízo ao valor de verdade do enunciado. Assim, em (2), assumimos que *se* e *pá* ainda não formam um efetivo *chunk* de função MD.

Nesse mesmo fragmento, verificamos o uso do modalizador *pode*, que também contribui para a noção de possibilidade expressa. Levando em conta esse uso,

⁹ Processo de mudança construcional que leva à convencionalização de uma nova e inédita construção na rede linguística.

¹⁰ *Corpus do Português, Web / Dialects*.

consideramos que a construção condicional [se pá] vai passando por mudanças construcionais¹¹, até atingir sua construcionalização como MD. Tal possibilidade se apresenta como viável, conforme se encontra em Traugott (2022), que defende que, na perspectiva da mudança linguística, a classe dos conectores precede a dos MD.

Como a análise diacrônica do objeto foge ao propósito deste artigo, orientamo-nos pela proposta de construcionalidade, como postulada por Rosário e Lopes (2019), a fim de interpretar as ocorrências que evidenciam sincronicamente o processo de mudança que a construção percorreu. A construcionalidade, segundo os autores, é um complemento aos estudos de construcionalização, demonstrando que é possível, a partir da abordagem construcional, realizar uma pesquisa sincrônica da mudança linguística. Nesse sentido, Rosário e Lopes (2019, p. 92) definem a construcionalidade

[...] como a relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática.

No viés da construcionalidade, a ocorrência (2), constitui, portanto, um reflexo sincrônico do contexto fonte do qual [se pá]_{MD} possivelmente se desenvolve. Após os usos condicionais, como o ilustrado em (2), acreditamos que a construção tenha passado por outros estágios de mudança, em que a associação com demais elementos modalizadores possibilitou que [se pá] herdasse características de modalização. Vejamos uma ocorrência do *site* X¹².

(3) 2024 eu vou focar um pouco mais em mim, **se pá, talvez** vem até um shape, mudo o guarda roupas todo e lanço uns projetin daora¹³

A ocorrência (3) exemplifica o que acreditamos ser um dos estágios de mudança construcional rumo à [se pá]_{MD} flagrados no PB contemporâneo, evidenciando a gradiência linguística, como postulado por Bybee (2016 [2010]). Assim, durante a trajetória de mudança da construção, acreditamos que o frequente uso de *se pá* associado a modalizadores, sobretudo ao advérbio modalizador epistêmico quase-

¹¹ Modulações ao nível do sentido ou da forma que afetam uma construção, podendo levar ou não a uma construcionalização posterior (Traugott, 2022).

¹² Por limitações de espaço, optamos por apresentar apenas a transcrição das ocorrências retiradas do X. No entanto, para garantir uma reprodução adequada dessas ocorrências, elas estão devidamente referenciadas com o link do post original.

¹³ Disponível em: https://twitter.com/Emanuel_Cacau/status/1734544874853036251. Acesso em: 15 dez. 2023.

asseverativo *talvez*, tenha possibilitado à comunidade linguística do português conceptualizar o *se pá* como um *chunk* de função MD, ou seja, como uma nova construção na língua. A comprovação dessa hipótese demanda, porém, uma pesquisa diacrônica que não é o foco neste artigo.

Entre os pressupostos da LFCU que nos interessam aqui, os mecanismos de metaforização e metonimização também se destacam. A metáfora atua no eixo do significado, envolvendo similaridade conceitual entre diferentes domínios cognitivo-conceituais, e a metonímia atua no eixo da forma, com base em relações de contiguidade que viabilizam a transferência semântica entre os elementos (Cunha; Bispo; Silva, 2013). Numa perspectiva construcional, tal como a assumida pela LFCU, ambos os mecanismos são tomados como faces da mesma moeda, dado que o eixo da forma impacta o da função e vice-versa.

Acerca dos procedimentos metodológicos, trabalhamos com duas fontes para a coleta de dados: o *Corpus* do Português (CdP) e a rede social X, anteriormente conhecida como *Twitter*. No CdP, utilizamos as interfaces *Web / Dialects*, integrada por textos provenientes de páginas na internet, e a interface *NOW*, que reúne notícias. A rede social X, por sua vez, consiste em uma ferramenta muito popular para comunicação na internet, na qual é possível observar registros escritos próximos ao que observamos no uso falado da língua. A escolha por essas fontes para coleta de dados se dá, então, a partir do propósito de observação do uso de *se pá* em contextos distintos.

A busca foi realizada pelas sequências *se pá*, *se pa* e *se pah*, considerando a variação de acentuação gráfica característica da comunicação na internet. No CdP, a busca retornou 106 ocorrências, das quais 92 foram recuperadas da interface *Web / Dialects* e 14 da interface *NOW*. Cabe explicar, ainda, que das 92 ocorrências da *Web / Dialects*, somente 84 estavam disponíveis para acesso na base¹⁴, de modo que a busca no CdP contabilizou 98 ocorrências. No X, a busca foi realizada em 15 de dezembro de 2023¹⁵ e coletamos os 100 primeiros *posts* da aba “principal”, para garantir a aleatoriedade dos dados.

¹⁴ O CdP não detalhou o porquê de os demais dados não estarem disponíveis.

¹⁵ Julgamos importante marcar temporalmente a busca uma vez que, ao contrário do CdP, os resultados recuperados no X não são os mesmos para todos os usuários, pois o algoritmo de busca considera as preferências de conteúdo e configurações de cada usuário.

Com o total de 198 ocorrências levantadas, realizamos o descarte de 23 dos dados que não eram o objeto da pesquisa¹⁶, de quatro ocorrências duplicadas e de uma incompleta. Assim, os 170 dados restantes foram analisados a partir do método misto (Lacerda, 2016), visando equilibrar a interpretação qualitativa e a contabilização quantitativa. Na pesquisa dos fatores de análise, verificamos o valor semântico-pragmático vinculado pelas instanciações de [se pá]_{MD}, a ordenação destes usos, se e quais unidades discursivas vinculam, a sequência tipológica que integram e, por fim, a presença ou a ausência de pontuação em seu entorno contextual.

4 Análise de dados

Com base na análise dos 170 dados pesquisados, observamos que o MD [se pá] apresenta traços de modalizador epistêmico quase-asseverativo. Centrada no eixo da possibilidade (Oliveira; Mendes, 2013), a construção expressa valor semântico-pragmático de dúvida, que pode se manifestar por intermédio de três tipos distintos. A Tabela 1 sintetiza essa distribuição:

Tabela 1: Tipos da construção [se pá]_{MD}

A dúvida em [se pá] _{MD}			
Tipo 1	Tipo 2		Tipo 3
	Padrão 1	Padrão 2	
50	44	35	41
170 ocorrências			

Fonte: Elaboração própria.

O MD [se pá], ao modalizar a informação, expressa essencialmente o valor semântico-pragmático de dúvida¹⁷. Devido à primeira subparte *se*, a noção de condição está presente na construção, mas não em seu uso canônico. Conforme assumem Oliveira e Hirata-Vale (2017), as construções condicionais apresentam uma base causal hipotética como principal característica. Nas relações condicionais, dois segmentos são vinculados a partir da causa possível, que não é necessariamente

¹⁶ Os dados descartados eram referências à música *Se Pá Ska S.P.*, de Lucas Santtana, que apenas apresenta “se pá” no título, mas não faz efetivo uso da construção.

¹⁷ Optamos por definir o valor como dúvida por causa da aproximação semântico-pragmática dos usos de [se pá] e [talvez]. No entanto, as construções são distintas, sobretudo morfossintaticamente, e não devem ser entendidas como sinônimos.

concretizada. A construção [se pá] não atua dessa forma, visto que *pá* não transmite maior informação.

Consideramos, então, que há perda composicional na conjunção *se* como subparte da construção [se pá]_{MD}, já que, em vez de indicar condição, indica possibilidade. Ao modalizar a informação, o propósito do falante é não se comprometer com o que está enunciando, gerando dúvida ao interlocutor. Enquanto faz isso, porém, ele também apresenta discursivamente ações ou situações possíveis. É na possibilidade de confirmar essas ações ou situações que percebemos variação no valor de dúvida, com isso identificamos três padrões de uso de [se pá]_{MD}, nomeados aqui de Tipos.

No primeiro padrão, de Tipo 1, o falante apresenta uma possibilidade que ele mesmo pode confirmar, registrado em 50 ocorrências. O segundo padrão, denominado de Tipo 2, apresenta uma possibilidade que pode ser confirmada por algum ator externo, explícita ou implicitamente mencionado, totalizando 79 ocorrências. No terceiro padrão, de Tipo 3, o falante apresenta uma possibilidade que não pode ser confirmada, contabilizado em 41 ocorrências.

Observemos, primeiramente, uma ocorrência do Tipo 1:

(4) [...] Acordei SEDAÇO hj, pra adiantar os desenhos, tem um inclusive, q eu já vou concertar a line dele HJ, desenho simples, mas q está sendo feito todo HOJE, então o ritmo parece bom, e provável q eu poste ele de tarde **se pá!**¹⁸

Em (4), o *se pá* aparece numa sequência tipológica narrativa, em que o falante conta sobre o desenvolvimento de um desenho e sobre a possibilidade de divulgá-lo. Ordenado no fim do período, o *se pá* é utilizado para modalizar a ação indicada na oração *e provável q eu poste ele de tarde*.

As ocorrências do Tipo 1 de [se pá]_{MD} se caracterizam por apresentar uma informação da qual o falante tem quase certeza, pois a confirmação depende exclusivamente de si. Em (4), como o ato de postar ou não o desenho cabe a ele, o falante poderia simplesmente afirmar ou negar essa ação, mas, visando a não se comprometer e a evitar cobranças caso não consiga realizá-la, ele utiliza elementos como *provável* e *se pá* para indicar que a postagem é apenas uma possibilidade.

¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/TSpeed04/status/1733462281537618316>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Nesse sentido, embora tenha capacidade de confirmar a possibilidade, esse não é o seu propósito; ele modaliza a oração, gerando dúvida aos seus interlocutores.

Ocorrências como (4) reforçam também a hipótese de que o surgimento de [se pá]_{MD} foi motivado pela proximidade a outros elementos modalizadores. Assim, o mecanismo de metáfora atua no plano funcional da construção, por conta da similaridade conceitual a outros elementos que expressam dúvida na sequência textual. Tal mecanismo se vincula à associação sintagmática entre os elementos, realizada via metonímia.

Em seguida, no Tipo 2, a confirmação já não cabe a quem faz a declaração. Vejamos uma ocorrência:

(5) Ivete faturando com ingressos, com a Globo e com patrocínio...
Se pá quase nada tá saindo do bolso dela
 A velha tá com tudo¹⁹

Em (5), o *se pá* aparece em sequência tipológica expositiva. Nela, a confirmação da possibilidade é posta como externa ao falante, pois ele não indica saber quanto a cantora gastou, já que essa é uma informação que só pode ser confirmada ou negada pela própria Ivete ou por alguém de sua equipe. Nesse sentido, verificamos que o Tipo 2 se caracteriza por apresentar uma informação que é vista como hipótese, por isso o falante utiliza o MD para modalizar seu julgamento. Ao contrário do uso do MD no Tipo 1, em que quem declara tem condição de afirmar ou negar o conteúdo proposicional, no Tipo 2 essa função cabe a sujeitos externos.

As ações ou situações apresentadas nesse tipo podem ser confirmadas de dois modos, discriminados como Padrão 1 e 2 na Tabela 1. No Padrão 1, exemplificado em (5), o interlocutor é capaz de confirmar a hipótese explicitamente referida no enunciado. Já no Padrão 2, ilustrado na ocorrência (6), o falante não menciona alguém capaz de confirmar sua hipótese; o interlocutor está ausente e temos apenas uma certa especulação de confirmação, como a seguir:

(6) O cara tem 25 ANOS e 22 GOLS como profissional, **se pa** q tem zagueiro c essa idade q tem mais gol²⁰

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/QueenOfIsB/status/1735741179499532475>. Acesso em: 15 dez. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/pipisilvasccp/status/1735717243374141611>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Em (6), o *cara* mencionado é o jogador Lautaro Díaz, que estava sendo cotado para contratação pelo Corinthians como atacante. Com o propósito de trazer um julgamento, o falante argumenta que há zagueiros da mesma idade com mais gols do que o atacante. No entanto, como não indica quem seriam esses zagueiros e nem menciona alguém capaz de confirmar essa hipótese, ele utiliza o MD *se pá* para modalizar sua afirmação, deixando implícita a necessidade de confirmação. Nas 79 ocorrências encontradas para o Tipo 2, em 44 o falante menciona um sujeito que pode confirmar a declaração e em 35 não menciona, deixando a dúvida ainda mais evidente.

A possibilidade de confirmação, no entanto, nem sempre está presente nas instanciações de [se pá]_{MD}. Esse é o caso, então, do Tipo 3. Esse grupo apresenta o valor semântico-pragmático de dúvida, expressando uma possibilidade em que a confirmação é dispensável. Nessas ocorrências, observamos que a declaração modalizada pelo [se pá]_{MD} não tende a ser relevante para a argumentação, assim o falante costuma apenas indicar uma situação ou um estado exagerado. Vejamos duas dessas ocorrências:

(7) Olá, bem-aventurados! Hoje trazemos pra vocês o primeiro da nossa série de tutoriais sobre o Cinema 4D, software de modelagem (e texturização, e animação, e renderização, **se pá** faz até café com pão) da Maxon. Vamos desvendar os mistérios de modelar um chifre. O chifre do TOURO!²¹

(8) fiz um piercing e n falei p ngm p n inflamar mas **se pá** a energia ruim sou eu²²

Em (7), o falante apresenta um tutorial sobre um *software* de modelagem. Ao descrever a capacidade de atuação do programa, ele brinca que o *software* é capaz de fazer as funções esperadas para esse tipo de programa e, até mesmo, de preparar um café com pão. Pelo senso comum, o falante tem total ciência de que um *software* de computador programado para modelagem não é capaz de realizar tal ação, mas ele a apresenta com o propósito discursivo-pragmático de exagerar e demonstrar a potência do programa.

De modo similar, em (8), o falante declara que fez um *piercing* e que não contou para ninguém. Pelo contexto, subentende-se que ele parece acreditar que contar para

²¹ *Corpus do Português, Web / Dialects*.

²² Disponível em: https://twitter.com/sccplo_/status/1735422242543092222. Acesso em: 15 dez. 2023.

outras pessoas poderia atrair energia negativa, fazendo o *piercing* inflamar. No entanto, mesmo assim, o *piercing* realmente inflamou, e, diante desse fato, o falante utiliza o *se pá* para indicar a possibilidade de ele mesmo ser a energia ruim que causou o problema. Novamente, essa situação não pode ser confirmada – visto que a cicatrização de *piercings* envolve outros fatores, como alimentação, higiene etc. –, ela só é apresentada para promover um alívio cômico ao relato.

Apresentadas e analisadas as diferenças dos usos da construção, em que identificamos sutis variações no valor de dúvida, seguimos com a análise dos demais fatores. Vejamos uma síntese da ordenação das instanciações [se pá]_{MD} no *corpus*, levando em conta também os valores semântico-pragmáticos expostos na Tabela 1, sob forma de tipos:

Tabela 2: Posição de [se pá]_{MD}

Posição		Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Total por posição	
Inicial	Início de oração	15	19	11	45	87
	Início de período	14	20	8	42	
Medial	Entre os constituintes	9	24	11	44	44
Final	Fim de oração	2	4	2	8	39
	Fim de período	10	12	9	31	
Total por tipo		50	79	41	170 ocorrências	

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a Tabela 2, a construção [se pá]_{MD} é instanciada na articulação de períodos ou orações, demonstrando a mobilidade característica dos MD. Os 170 dados em análise indicam que esse MD pode ocorrer em posição inicial, encabeçando uma oração ou um período, em posição final, encerrando uma oração ou um período, ou em posição medial, quando aparece entre os constituintes da oração.

A posição inicial é a mais produtiva, com 87 ocorrências, das quais 45 iniciam orações e 42 iniciam períodos. Nessa posição, observamos que o MD partilha traços com os conectores, articulando unidades discursivas, como nas ocorrências já ilustradas em (5), (6) e (7), enquanto expressa a noção de dúvida. Esse padrão de uso pode ser, na defesa que aqui fazemos, um resquício dos contextos originais de *se pá*, em que a função conectora prevalecia, visto que a construção integrava o esquema [se X]_{cond.}

A posição final registra 39 ocorrências, das quais 31 encerram períodos e 8 encerram orações. A posição medial, por sua vez, totaliza 44 ocorrências. Nas posições medial e final, observamos que o MD também partilha traços com os advérbios modalizadores epistêmicos quase-asseverativos, como nos dados (1), (4) e (8).

Além do valor semântico-pragmático e da ordenação, os 170 dados em análise apontam que [se pá]_{MD} tende a ser prosodicamente demarcado. Apesar de a análise das propriedades fonológicas ser limitada, devido à natureza escrita dos dados, observa-se pausa na entonação durante a leitura ou isolamento por pontuação na escrita, como vírgulas, parênteses, entre outros elementos. Os dados coletados ressaltam a produtividade de [se pá]_{MD} em contextos informais, em gêneros como comentários de *blogs*, *posts* em redes sociais, falas em entrevistas etc. Essas instanciações ocorrem principalmente em sequências argumentativas, como verificamos em 84 ocorrências analisadas, mas podem aparecer também em sequências narrativas, com 41 ocorrências, em sequências expositivas, com 26 ocorrências, e em sequências descritivas, com 19 ocorrências.

Para finalizar nossa análise, trazemos, no Quadro 1, a sistematização das propriedades construcionais de [se pá]_{MD} com base no modelo proposto por Croft (2001), apresentado na Figura 1 anteriormente:

Quadro 1: Propriedades construcionais de [se pá]_{MD}

EIXO	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Fonológicas	- Demarcação prosódica, estabelecida por pausa na entonação ou pontuação; - Um único grupo de força.
	Morfológicas	- Duas subpartes: <i>se</i> e o termo não lexicalizado <i>pá</i> ; - Composicionalidade parcial.
	Sintáticas	- Mobilidade, com ordenação inicial, medial ou final; - Articulação de segmentos discursivos, na ligação de orações ou períodos; - Independência sintática.
FUNÇÃO	Semânticas	- Valor de dúvida, com destaque para possibilidade; - Preservação parcial da noção de condicionalidade da conjunção <i>se</i> .
	Pragmáticas	- Sentido específico dependente do contexto; - Subjetividade e informalidade, na expressão de avaliação do falante; - Orientação interacional.
	Discursivo-funcionais	- Marcação discursiva; - Modalização discursiva;

		- Uso em sequências tipológicas argumentativas, narrativas, expositivas e descritivas.
--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

5 Considerações finais

Neste artigo, descrevemos e analisamos os usos do MD [se pá] no português contemporâneo, na perspectiva da LFCU. Partindo da análise de 170 dados coletados do *Corpus* do Português e da rede social X, constatamos que essa construção é instanciada como um MD com traços de modalizador epistêmico quase-asseverativo. Desse modo, consideramos que a mudança da construção, provavelmente, teve início nos usos condicionais e, por metaforização, metonimização e analogização, passa a assumir traços de modalizador em sua construcionalização para MD.

Constatamos, em termos semântico-pragmáticos, que [se pá]_{MD} estabelece valor de dúvida, expressando possibilidade. Tal possibilidade pode ser: 1) interna ao falante, quando este tem condições de confirmar ou negar a informação, mas não o faz; 2) externa ao falante, quando a confirmação depende do interlocutor ou de uma instituição explícita ou implicitamente mencionada; 3) desnecessária, quando o falante apresenta uma possibilidade que não pode ser confirmada.

Assim, nossa hipótese central foi comprovada, pois [se pá] apresenta traços que possibilitam classificá-lo como um marcador discursivo utilizado para realizar modalização epistêmica. A construção é frequentemente instanciada em sequências argumentativas, o que já esperávamos, visto que é usada para emitir avaliação do falante, podendo aparecer também em sequências narrativas, expositivas e descritivas.

Por fim, consideramos que nosso objetivo geral está cumprido, uma vez que analisamos, em termos qualitativos e quantitativos, as instanciações de [se pá]_{MD} no *corpus* de pesquisa. Cumprimos também os objetivos específicos, pois levantamos e apresentamos as características que possibilitam identificar a construção como um MD, descrevemos os tipos de possibilidade expressos pelo valor semântico-pragmático que [se pá]_{MD} veicula e identificamos, com base no modelo de Croft (2001), as propriedades formais e funcionais da construção.

Em síntese, apresentamos resultados que permitem concluir que, na sincronia atual do português, a construção [se pá] é utilizada como um MD capaz de atuar na modalização epistêmica em contextos de informalidade. Tais resultados ensejam a

continuidade da pesquisa, principalmente na testagem da hipótese de que [se pá]_{MD} é consequente de mudanças construcionais, motivadas por pressões contextuais ou analógicas, oriundas de modos de dizer condicionais mais antigos na língua. Trata-se de uma tarefa investigativa de maior envergadura, mas cujos resultados poderão atestar esse caminho de formação de mais um MD do português, contribuindo, de outra parte, para o avanço da pesquisa na LFCU de modo geral.

USAGE-BASED ANALYSIS OF THE [SE PÁ]_{MD} CONSTRUCTION IN THE PORTUGUESE LANGUAGE

Abstract: This article aims to describe the synchronic uses of the discourse marker construction [se pá] in the Brazilian modality of the Portuguese language. Based on Usage-Based Linguistics (Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2022), we analyzed 170 occurrences of the construction [se pá] used in real communication situations in the Corpus of Portuguese and in the social media X. Based on qualitative and quantitative analysis, we identified that [se pá] acts as a discourse marker with traces of an epistemic modalizer. In this sense, the results indicate that the construction, formed by the conjunction *se* and the non-lexicalized term *pá*, can express the semantics of doubt, allowing the speaker to make an evaluation that is uncompromised with propositional content. In his modalization, the speaker discursively establishes possible actions, situations or events. The confirmation of the information introduced by the speaker promotes variation in the way the value of doubt is established, organizing itself in three ways: 1) as a possibility that can be confirmed by the speaker himself; 2) as a possibility that can be confirmed by someone external; 3) as a possibility that cannot be confirmed. In addition, the construction has the positional mobility typical of discourse markers, appearing in the initial, medial and final positions of clauses or periods and showing different behavior in each one.

Keywords: Usage-Based Linguistics; discourse marker; epistemic modality; [se pá] construction.

Referências

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CASTILHO, A. T. O modalizador realmente no português falado. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, p. 147-169, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4203>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013, p. 13-39.

FRASER, B. Types of English discourse markers. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 38, 1988, 19-33.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T.; LONG, H. On the rise of discourse markers. In: HEINE, B. (org.) *The Rise of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 23-55.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5440>. Acesso em: 05 abr. 2023.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445093873435053141>. Acesso em: 11 jun. 2024.

OLIVEIRA, F.; MENDES, A. Modalidade. In: RAPOSO, E. *et al.* *Gramática do português*. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 623-669.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do português falado*. v. VI. Campinas: Editora Unicamp, 1996. p. 21-94.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. Neonálise e analogização na formação de marcadores discursivos do português. *Estudos da Língua(gem)*, v. 18, p. 25, 2020.

ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *SOLETRAS*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 83-102, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.36318>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

TEIXEIRA, A. C. *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 2, n. 1, p.1-25. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id269>. Acesso em: 20 set. 2023.

TRAUGOTT, E. C. *Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics*. Lancaster: John Benjamins Publishing Company, 2022.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Recebido em 30/06/2024

Aceito em 08/05/2025

Publicado em 09/05/2025